

O Valle do Rio Doce.

Trabalho offerecido á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro
pelo socio effectivo William John Steains.

A minha intenção não é demorar-me sobre alguns dos incidentes, que se me apresentaram durante a minha exploração nesta pequena parte do vosso bello Imperio, visto que, indubitavelmente, será de maior interesse na presente occasião se eu me esforçar em dar-vos alguma idéa do paiz atravessado por mim e minha pequena caravana composta apenas de seis homens. Entretanto, uma especie de prefacio ao relatorio, que eu tenho a honra de apresentar a esta illustrada Sociedade, determinaria bem aquella minha exploração — que durou de Junho de 1885 a Janeiro de 1886 — realisada inteiramente debaixo da minha responsabilidade, e, se me posso assim expressar, por nenhuma outra razão senão a do puro amor pela sciencia.

Eram muito limitados os meios ao meu dispôr, porque ordinariamente os homens que tinha ás minhas ordens eram poucos, e assim tambem as provisões por vezes muito escassas. Comtudo, não obstante estas e muitas outras sérias desvantagens, a minha pequena expedição proseguio obstinadamente no seu caminho, durante oito rudes mezes, um pouco longe da vida civilisada, com a feliz reflexão, que ella trouxe, fóra completamente dos seus enganos, ou por outra, do seu maior poder.

O Rio Dôce está entre os parallelos 19° e 21° lat. sul e nasce cerca de 7 leguas a oeste do meridiano do Rio de Janeiro, estendendo-se para léste n'uma distancia de quasi tres e meio grãos.

É formado por diversos pequenos ribeiros, que do nas-

cente descem obliquamente de uma importante cadêa de montanhas conhecida por *Serra da Mantiqueira*.

Esta serra, correndo em direcção nordeste, fórma uma porção de costa encadeada, que se estende mais ou menos ao longo de todo o lado nascente do Imperio, formando o, assim chamado, *Muro de apoio* das successões de elevados planaltos, dos quaes a maior parte do Brazil central e meridional é composta.

O Rio Dôce nasce na extremidade sueste da rica provincia de Minas-Geraes a uma elevação approximada de 4.000 pés acima do nivel do mar. Pelas primeiras 33 leguas do seu curso o Rio Dôce corre em direcção nordeste, depois quasi norte por uma distancia de 18 leguas, e daqui torna a fazer uma volta a nordeste por uma distancia de 15^a leguas ou mais.

Esta volta fórma o ponto mais septentrional do rio, onde elle faz uma perfeita curva para sueste, continuando o seu curso até encontrar uma soberba cadêa de dentadas eminencias conhecida por *Serra dos Aymorés*.

Forçandô o seu caminho por uma serie de *quedas* pela Serra dos Aymorés, o Rio Dôce entra na pequena^a provincia maritima do Espirito-Santo, onde, depois de um oriental curso de 30 leguas, desagua no Oceano Atlantico (lat. 19° 37' sul, long. 3° 25' 30" léste do Rio de Janeiro).

O comprimento total do Rio Dôce é de pouco mais de 113 leguas.

Elle tem numerosos tributarios, dos quaes os seguintes são os principaes :

Na margem esquerda do rio situado na provincia de Minas-Geraes, o Piracicaba, Santo Antonio e Sassuhy Grande, e na provincia do Espirito-Santo, o rio Pancas.

Na margem direita situada na provincia de Minas-Geraes, o rio da Casca, Sacramento Grande, Cuithé e Manhú-assú, e na provincia do Espirito-Santo, o Guandú e Santa Maria.

A terra banhada pelo Rio Dôce pôde ser dividida em duas partes distinctas — a que fica a oeste da serra dos

Aymorés, que não é nada mais nada menos do que uma grande bacia em fôrma de faceta de diamante, ou mais correctamente fallando, uma despida planície extensa por uma área de 25.000 milhas quadradas e tendo uma elevação que varia de 1.000 a 3.000 pés acima do nivel do mar.

Esta alta bacia do Rio Dôce é murada, do lado do norte por uma cadêa de montes conhecidos por *Serra do Chifre* (2.500 pés), de leste, pela serra dos Aymorés (3.000 pés), do sul, pelas serras da Mantiqueira, Brigadeira e Espigão ou Souza, e de oeste pela serra do Espinhaço, separando as nascentes do Rio Dôce das do S. Francisco.

A serra do Chifre divide a bacia do Rio Dôce da do Rio Jequitinhonha (um rio que corre quasi em direcção parallela ao Dôce e dizem ser rico de diamantes) e a serra da Mantiqueira effectivamente separa as nascentes do Rio Dôce das dos tributarios septentrionaes do Parahyba — que corre pela provincia do Rio de Janeiro.

A parte da terra banhada pelo Rio Dôce e que fica a leste da serra dos Aymorés pôde-se succintamente descrever como uma espessa matta, terra baixa, seguindo gradualmente inclinada para a costa, de uma elevação de cerca de 900 pés acima do nivel do mar.

Perto da costa, este plano torna-se uma grande extensão de terra alluvial occupada na maior parte por baixos lagos, que communicam uns com os outros por meio de compridos, estreitos e sinuosos riachos.

O maior destes lagos é a lagôa Juparaná, que communica com o Rio Dôce trinta milhas (sete leguas e meia) acima da sua foz — por meio do rio Juparaná, um estreito tortuoso e profundo canal de sete milhas (duas leguas) de comprimento.

A lagôa Juparaná tem cinco leguas de comprimento e cerca de meia legua de largura na sua extremidade austral.

E' muito funda, e, com excepção de alguma terra baixa para os seus limites norte e sul, está rodeada de altos e arrogantes bosques, e é composta pela maior parte de

terra rôxa (tabatinga) cobrindo uma grossa camada de seixos da mesma côr.

Para o seu lado norte a lagôa aperta-se muito consideravelmente, não tendo em uma parte mais de 500 metros de largura. Aqui ha uma pequena ilha chamada do Imperador. A' nascente da lagôa está um rio chamado S. José, que nascê em um aguilhão da serra dos Aymorés e corre por uma inexplorada região habitada pelas hordas de ferozes Botucudos pertencentes ás tribus — *Chep-chep* e *Pojichá*.

Eu subi o rio S. José em uma extensão de cinquenta milhas (13 leguas) até a *Queda Leila*, uma exquisita e bella cascata de 40 pés de altura e 80 de largura, tão puramente branca quanto soberbamente — desenfreada — nome que ella toma.

O S. José é extremamente ruim para a navegação, pois contam-se nelle numerosas quedas e rapidos, que muitas vezes obrigam os viajantes a puxar a sua canôa por terra e ainda quando este fastidioso processo não é necessario, a canôa tem, quasi sempre por segurança, de ser descarregada, antes, para poder ser levada pelos rapidos.

O rio S. José abunda em peixe, e, por todo o seu curso, corre por densas florestas que apresentam profusa quantidade do muito procurado jacarandá (*Bignonia Cœrulea*. Will. Fam. das Bignoniaceas).

Com excepção de dous, nenhum dos tributarios do Rio Dôce é *proprio* para a navegação, que é como *nós* entendemos o termo.

Os rios Sassuhy-Grande e Santo Antonio são os dous que offerecem maior facilidade para navegação, tendo o ultimo uma clara levada de agua comparativamente pequena, ainda que n'um paiz como este não seja desprezada a distancia de cinco leguas.

O rio Sassuhy-Grande tem uma pezada queda á curta distancia da sua confluencia com o Dôce, mas, afóra isto, ha uma navegação desinterrompida por muitas milhas.

O mesmo rio Dóce é navegavel até porto de Souza, distante trinta leguas da sua foz.

Justamente acima do porto de Souza estão as grandes quedas, ou, mais strictamente fallando, a serie de pezados rapidos, conhecidos por *Escadinhas*, occupando uma distancia de seis milhas.

Para passar estes rapidos todas as canoas tem de ser puxadas por terra, por novilhos, até Natividade.

Tres leguas acima das *Escadinhas* está um perigoso rapido chamado a cachoeira do Inferno, ou Sant'Anna, e meia legua alem deste está outro muito semelhante rapido a cachoeira do M, assim chamada por causa do rapido se parece alguma cousa com a fórma desta letra.

Da cachoeira do M seguindo direito á villa da Figueira, uma distancia de 13 leguas o rio é uma extensa corrente de agua batida (agua brava) cheio de rochas e forte corrente que fórma a cada passo perigosos abysmos, entre os quaes pode-se mencionar o Revez da Onça e os do Cascalho, Baptista e Felix. Cinco leguas acima da Figueira está a cachoeira de Baguary.

Esta queda tem 30 pés de altura. Em fundos poços abaixo da queda encontra-se abundancia de peixe, e o Surubim (*Plastistoma*) é tambem aqui apanhado.

Este peixe é ainda encontrado em maior quantidade no lugar mais alto do rio.

Seis e meia leguas acima do Baguary está a cachoeira do Escuro. Esta queda é muito semelhante na apparencia á Baguary; só não é absolutamente tão larga como esta.

Sete leguas além do Escuro ha uma comprida, rojante e violenta queda conhecida pelo nome de cachoeira do Surubim.

Em alguns mappas (todos mais ou menos errados) desta parte do Brazil, esta queda é chamada pelo terrivel nome de *Inferno*, porém eu julgo que uma queda com um tal titulo não é muito bem cabida em um rio que possui o nome — *Dóce*.

Tres leguas acima da cachoeira Surubim arroja-se uma

outra grande queda que tem o nome de cachoeira da Ponte Queimada.

Sobre esta queda foi antigamente construída uma rachítica ponte de madeira por meio da qual foi aberta a comunicação entre as villas de Antonio Dias, Abaixo e Sacramento. Quanto tempo ha que esta velha ponte está, em toda a sua despedaçada magestade, supremamente elevada acima da medonha queda da Ponte Queimada, é o que não me é dado dizer, mas, se julgasse pelos lugares em que ella range quando alguém tem a infelicidade de ser obrigado a passar sobre ella, eu diria que o seu fim está bem proximo.

Todavia é-se obrigado a marchar muito ligeiro, quando se atravessa com receio de algum desastre, e só a idéa de que isto possa acontecer, é insupportavel.

O Rio Dôce pelo resto do seu curso abunda em quedas e rapidos dos quaes os principaes são a cachoeira da Jacutinga, acima da Ponte Queimada, a cachoeira dos Oculos, e a cachoeira das Antas.

A agua da parte superior do rio é extremamente turva, de uma suja e amarellada côr, e, desde que não seja convenientemente filtrada, é totalmente impropria para beber.

O maior encanto desta parte do Brazil está nas grandes e espessas florestas virgens, que vestem com inexcedivel magnificencia, approximadamente, toda a terra banhada pelo Rio Dôce e seus numerosos affluentes.

De ambos os lados do rio, pela maior parte do seu curso, estas lindas florestas produzem mais de cem variedades das mais escolhidas madeiras de construcção, cerrando apertadamente as margens, formando um quasi impenetravel muro da mais rica, mais luxuriante e selvatica vegetação tropical, que se póderá bem imaginar, mas nunca adequadamente descrever.

Aqui a natureza na sua mais pura fórma, e ordenada em todas as suas mais escolhidas galas, está silenciosamente fazendo uma infinita guerra contra a sua invencivel propria força. Se possivel fosse a ella, com todo o seu poder, ter mais

brilho, patentear-se-hia com o brilhante esplendor da sua propria e inatingivel gloria.

Quando, pela quasi sacrilega acção do machado e do facão, o viajante, por fim, consegue penetrar nos mais reconditos lugares de um destes vastos templos da natureza, a sua vista e o seu espirito tornam-se tão inteiramente vagos e fascinados pela extraordinaria grandeza, extrema possança e maravilhosa profusão de tudo que elle vê em roda de si, que, o quasi silencio da morte, penetrando toda a maravilhosa scena, acabrunha-o com indescriviveis sentimentos de respeito e reverencia, como se se o fizesse approximar-se de uma impossibilidade e enlevar-se da idéa de que o lugar, onde está não é outro na verdade senão o paraizo terrestre.

A myriade de fórmãs da vida vegetal, inextricavel tecido junto d'uma densa e confusa massa de opulenta e variada folhagem com os festões das mais baixas e rasteiras plantas de toda a concebivel fórma e tamanho, torna-se incomparavelmente encantadora pelo numero de pequenas e delicadas parasitas, as quaes, florescendo tão despoticamente sobre os troncos e mais delgados ramos das arvores, como a formar fantasticos bosquesinhos de rebentos, forçam-os a imitar os seus mais altos, velhos, fortes e até mais poderosos irmãos, sobre cujos estendidos membros, tendo tomado um tão imperioso apoio, vão sugando a seiva, até que a mais livre e arrogante arvore, de entre as de um mundo rodeado de luxuriante fertilidade, aniquila-se e torna-se como um horrendo espectro, supportando ainda, com quasi servil lealdade, as bellas autoras da sua ruina.

Os immensos tractos de floresta virgem, estendidos para o lado do norte do Rio Dóce, até hoje não foram tocados pela mão do homem civilizado, e, ali, na sua obscuridão, está o respeitoso escondrijo, que offerece seguro refugio ás numerosas tribus dos selvagens indios Botocudos (os Aymorés) que por aqui erram exactamente no mesmo primitivo estado de barbaria como aquelle no qual os seus antepassados viviam ha quasi quatrocentos annos antes.

Ainda assim estes indios, ou bugres, como lhes cha-

mam, fizeram correrias aos mais remotos estabelecimentos e, em taes occasiões, gado e, ás vezes, até meninas são cruelmente roubadas e levadas para os bosques.

O canibalismo está ainda em voga entre algumas das mais selvagens tribus, mas ha a pequena consolação de saber que este horrivel costume está proximo de acabar, e que em breve deixará de existir.

Eu soube que aquelles bugres, que uma ou outra vez, tinham tolerado a carne humana, quando interrogados a este respeito, eram sempre muito morosos em responder, e uma velha mulher (pertencente á tribu *Nackinhapmí* do rio Pancas) quando interrogada pelo meu interprete para nos dizer francamente se ella nunca tinha comido homem branco, replicou indignada, NÃO! e então, como se descarregasse a sua consciencia, ella ajuntou: eu gostei da sopa feita delle.

Na apparencia os Botocudos raramente se podem chamar bonitos. Algumas rapariguinhas são na verdade muito bonitas, mas esta infantil belleza é de curta duração, visto que entre estes indios é costume (por nativa necessidade) casar as raparigas muito cedo.

Eu vi um frisante exemplo de um destes precoces casamentos com um joven bugre, cuja noiva entrava apenas nos seus nove annos—o noivo tinha seguramente os seus vinte.

Se alguém desejasse testemunhar de vista casamentos xtraordinarios não podia fazel-o melhor do que visitando a terra dos Botocudos, porque, alli, encontraria um velho talvez de oitenta annos casado com uma moça de desassete ou, como eu disse antes, um joven de vinte annos casado com uma tenra creança de oito ou nove.

Havia só uma especie de casamento que eu nunca encontrei entre estes indios, isto é, nunca vi um joven de dezeseis annos casado com uma velha de oitenta e quatro! Não sei porque? mas o caso é que nunca vi.

A altura proporcional dos Botocudos é de 5 pés e 4 polegadas.

Os seus peitos são muito largos e isto calcula-se pela facilidade com que estes indios fixam os seus arcos que são excessivamente fortes, da rija e flexivel madeira da palmeira brijauba (*Astrocarium Ayri. Martius*).

Os pés e mãos dos Botocudos são antes pequenos do que delicados e estão em boa proporção ás suas pernas e braços, que são magros porém muito musculosos.

Quanto á côr destes indios, são todos escuros, sendo alguns de um escuro azeitonado, em quanto que outros, e muito especialmente as mulheres, são inteiramente claras.

A respeito das suas feições os Botocudos tem uma grande semelhança com os Chins.

Se em vez de usarem o cabello cortado em volta da cabeça formando uma especie de vasculho elles podessem só usar « rabicho » o casual observador difficilmente poderia dizer onde estaria a differença entre o Chim e o Botocudo, tão real é a ficção.

O abominavel costume de usarem ornamentos, que tornam immensos os beiços e as orelhas, por meio dos quaes tão notados tem sido, está acabando, e hoje o *botoque* é só encontrado entre alguns antigos membros das tribus, que reservam intactos todos os primitivos habitos e maneiras dos seus antepassados.

Ordinariamente os bugres tem uma longa vida, sendo cem annos considerados por este povo no mesmo caso em que nós consideramos os oitenta.

Se um indio morre aos setenta annos, os seus desolados parentes julgam que elle morreu, assim dizem, na flôr da idade, mas, ao mesmo tempo, isto não os impede de abandonarem os coitados que tem a desgraça de, na sua marcha, cahirem doentes, porque morrem completamente isolados.

Este costume de abandonar os parentes enfermos, ainda que nos pareça um pouco barbaro, tem todavia prezo a elle um certo principio de philosophia experimental. Neste caso o principio arguido pelos bugres é este; dizem elles:

Nós somos um verdadeiro povo nomada. Muito bem! Se um dos nossos está doente vós sabeis que elle ou morrerá ou sarará. Se elle está destinado a morrer, que faremos levando-o connosco se nós marchamos?

Elle seria só para nós um grande estorvo, e então, por fim morreria.

Emquanto que, por deixar só o nosso enfermo amigo, elle ficará perfeitamente socegado, (um grande e necessario remedio em todos os casos de doença), e, se conseguir ficar outra vez bom, sempre se poderá levantar e seguir-nos.

E assim elle póde encontral-os, visto que, quando os bugres vão em marcha, quebram pelo caminho que elles tomam os renovos e pequenos ramos dos arbustos para mostrar a estrada a algum dos membros da tribu que tenha ficado para traz.

Os Botocudos vivem principalmente do fructo de duas ou trez variedades de palmeiras. Estes fructos (côcos), cujas cascas são partidas por meio de pedras, são excessivamente duros, e por esta razão, para dar aos mais velhos membros das tribus, e tambem ás creanças, para mais facil digestão do seu alimento, as mulheres mastigam-os bem e depois, tomando-os já mastigados da sua boca, estas attenciosas companheiras offerecem-os a seus paes, ou filhos, quando os tem, que avidamente aceitam o seu preparado sustento, e, o que é mais, parecem saboreal-o.

Os bugres occupam o seu tempo na caça e na pesca, em fazer e concertar os seus arcos e flechas, que são as suas unicas armas. As mulheres em colher fructos, olhar pelas creanças e executar todo o trabalho rude ao homem.

Todas as vezes que se faz uma nova cabana ou *quigem* os architectos e as edificadoras são as mulheres, e, quando a tribu está em marcha, ellas então tornam-se nada mais nada menos do que a vanguarda do lar visto que os homens não se dignam de querer levar senão os arcos e as flechas.

As mulheres são olhadas pelos homens como suas iguaes, isto é, as mulheres dos Botocudos não são inferiores em dignidade aos seus esposos, como ellas o são em tantas outras partes do mundo barbaro.

Eu presumo que esta igualdade de sexos é devida ao seguinte facto :

— Os homens tem descido tanto na escala dos empregos sociaes que realmente não ha lugar para as mulheres descerem mais, por consequencia, como natural resultado, um e outro sexo estão no mesmo nivel.

O vestuario, de alguma fórma, é desconhecido inteiramente entre estes indios, e, n'uma occasião, eu presenteei uma rapariga botucuda com uma bolça vermelha para lenço, que ella promptamente amarrou ao pescoço.

Os unicos ornamentos destes indios, alem do *botoque*, são grosseiros collares feitos de sementes e dentes de capivára ou de macaco.

Um grande numero de esposas é admittido entre os bugres, mas raramente se encontra o indio mais intelligente na luxuria de mais de uma mulher, simplesmente porque sabe muito bem que se elle casar com Adah e Zillah terá não só de sustentar por meio da caça uma mulher superflua, mas tambem uma superflua familia, e isto é uma importante consideração visto que as florestas virgens de maneira alguma podem produzir um inesgotavel sustento e muito peor naquellas partes das florestas frequentadas pelos indios onde a caça é muito rara e requer muito cuidado na pista da parte do caçador.

Achamos isto para nós sem importancia quando temos provisões para espalhar.

Os bugres nunca tem horas certas para refeição pelo simples motivo de que elles nunca sabem se de uma hora para outra acharão alguma cousa que comer.

D'aqui a razão porque elles não estão sujeitos a nenhuma leis e regulamentos domesticos.

Dormem quando querem dormir; caçam, pescam, cantam e dançam quando a isto são inclinados, e comem quando

podem. Uma negligente vida, certamente, mas uma verdadeira vida natural.

Estes indios, além do facto de ter cada tribu um chefe chamado Capitão não tem fórma de governo.

Este chefe não possui autoridade alguma sobre a sua tribu: de facto a tribu é que possui autoridade sobre elle, visto que o chefe é geralmente o melhor caçador, e por esta razão, no máo tempo, a sua sorte depende da maior porção de caça.

A religião dos Botocudos é em extremo, primitiva.

Elles crêm que ha um certo *grande espirito* (coapã) que fez o mundo (seu mundo, delles) e que o governa convenientemente, mas nem orações, nem sacrificios de especie alguma são offerecidos a este espirito. •

Quando troyea, os bugres pensam que isto é o signal de que o *grande espirito* está muito zangado, e por consequencia elles ficam terrivelmente amedrontados.

Alguns dos mais corajosos d'entre elles atiram tições ao ar, julgando que, fazendo isto, a colera do *grande espirito* poderá ser aplacada e que o trovão cessará. •

Um costume semelhante a este existe entre os *Mamaquas* da Africa Austral, os quaes atiram flexas ao ar com o fim de espantar e desviar a tempestade.

Os Botocudos crêm que, quando um homem morre, a sua alma ou espirito vaga por sobre a terra, e tambem crêm que o espirito do bugre morto terá os meios de chegar a causar damno a todos aquelles que o tiverem maltratado em vida, assim como de beneficiar todos os que lhe fizeram favores neste mundo.

Os bugres têm uma sombria idéa do demonio (*Nantchon*) que elles crêm reside no corpo de uma certa coruja que está acostumada a dar gritos agudos durante as horas mortas da noite, acordando-os do seu primeiro somno.

Como os bugres, consideraria que esta gritadora coruja tem alguma cousa com o demonio, sobretudo, o que se

observa com frequencia, para aquellas pessoas que ficam muito irritadas quando são acordadas de um primeiro somno.

Com o tempo o valle do Rio Doce pôde ser successivamente aberto, e os numerosos indios, talvez uns 7.000, terão de ser civilisados, ou pelo menos trazidos a um estado de parcial civilisação.

Ainda que os Botocudos tenham constantemente resistido a todas as tentativas que têm sido feitas para civilisal-os nos ultimos 380 annos, isto não serve de regra para que se julgue necessario deixal-os ficar n'um estado de barbaria por outro tanto tempo. NÃO! Eu creio firmemente que uma bem organizada commissão completaria o trabalho de civilisar estes indios n'um espaço de tempo comparativamente curto, e não resta duvida alguma que os beneficios tirados de uma tal empreza seriam enormes.

O Rio Dôce tornar-se-hia rapidamente determinado e o Brazil teria aberta uma das mais ricas zonas do seu vasto Imperio n'uma florescente condição que não aquella que ora tem o valle do Rio Dôce: um paraizo fechado.

Entretanto ha sómente tres estabelecimentos nas margens do Rio Dôce, chamados *Linhares*, *Guandú* e *Figueira*, e nenhum destes se pôde dizer que está n'um estado muito prospero.

Guandú, situado perto da foz de um rio que tem o mesmo nome, é, commercialmente fallando, um lugar mais importante do que Linhares ou Figueira, mas, por causa das difficuldades de communicação com a *costa*, o commercio do Guandú não é tanto como podia ser.

Todos os productos, dos quaes o café é o principal, tem de ir por terra para a Victoria, a capital da provincia do Espirito-Santo, levando dez dias de jornada.

O sal é o principal artigo de commercio no Rio Dôce, mas, devido á difficuldade de o transportar da costa ao interior, por canôas, este genero, pelo tempo que demora a chegar, torna-se um luxo muito custoso, ou, talvez diga melhor, desnecessario.

No Rio de Janeiro um sacco de sal pezando cerca de

duas arrobas custa, rudemente fallando, 1\$000, na foz do Rio Dôce o seu valor eleva-se a 2\$000.

No Guandú o mesmo sacco de sal sobe a 3\$000; em Cuithé o seu valor é 8\$000, e na Figueira custa tanto como 10\$000.

E' desnecessario dizer que aquella gente que precisa de sal alem da Figueira tem de o pagar por isto.

As baixas terras alluviaes em roda de Linhares são bem apropriadas para a cultura da canna de assucar, trigo, feijão, arroz e bananas. A mandioca cresce bem em muitos lugares, especialmente em volta da lagôa Júparaná. O tabaco e o algodão crescem extremamente bem na localidade da Figueira, e o café floresce perfeitamente nas visinhanças do Guandú.

Não resta duvida que a futura riqueza desta parte do Brazil está no immenso numero de valiosas madeiras (tanto medicinaes como outras) que abundam nas bellas florestas virgens.

As seguintes são umas poucas das principaes variedades aqui encontradas : Jacarandá — Ipé — Peroba — Vinhatico — Páo d'arco — Páo-Brazil — Angico — Graúna — Guarábú — Sapucaia — Maçaranduba — Bicuiba e Coração de Negro.

Entre as plantas medicinaes e arvores pôde-se mencionar : Copahyba — Salsaparrilha — Sassafras — Jumbeba — Ipecacuanha ou Poáya e Andiroba.

Em conclusão, eu direi que o clima desta parte do Brazil — para aquelles que tenham dito o contrario — é geralmente saudavel. O calor, no tempo proprio, é alguma cousa forte, mas torna-se supportavel pelo delicioso fresco, humidade, ventos periodicos que trazem uma igual distribuição de chuva por todo o anno, tornando assim o valle do Rio Dôce um dos mais ferteis e luxuriantes lugares que se podem encontrar por toda a extensão e largura do Brazil.

(G. de Noronha, socio da Sociedade de Geographia, traduzio.)